

## As duas bandeiras ao vivo e em cores

03/02/2017

Maria Clara Lucchetti Bingemer  
professora do Departamento de Teologia da PUC-Rio

Certamente não imaginava Inácio de Loyola que uma das meditações centrais de seus Exercícios Espirituais encontraria visibilização tão viva e concreta neste preciso momento da história brasileira. Talvez lendo o parágrafo com que o santo descreve o contraste entre a proposta do demônio e a proposta de Jesus Cristo possamos dar-nos conta com precisão daquilo a que me refiro.

A meditação das Duas Bandeiras é proposta àquele ou àquela que faz os Exercícios logo após a Primeira Semana, quando ele ou ela terá passado vários dias debruçado sobre a realidade do pecado do mundo e do seu próprio. Tratam-se de meditações que vão permitir conhecer melhor a si mesmo e ao mundo onde se vive, mas sobretudo a graça misericordiosa de Deus, que sempre o alcança e é muito maior e mais poderosa que seu pecado.

Em seguida, começa a Segunda Semana onde, após algumas contemplações importantes sobre a Infância de Jesus, o exercitante é confrontado com as Duas Bandeiras – a de Cristo e a do Inimigo da natureza humana – mostrando qual a estratégia pela qual Cristo e também seu e nosso Inimigo tentam seduzir-nos e conquistar-nos.

A estratégia do demônio é assim descrita por Santo Inácio: “primeiro cobiça de riquezas, para que mais facilmente venham a vã honra do mundo e depois a crescida soberba. De maneira que o primeiro degrau seja de riquezas, o segundo de honra e o terceiro de soberba, e destes três degraus induz a todos os outros vícios.”

Creio que o santo ficaria impressionado ao ver a estratégia do demônio encarnada tão profunda e explicitamente em pessoas públicas que hoje ocupam os noticiários dos jornais e os meios de comunicação, vítimas das falácias e enganos do demônio que entre os inumeráveis nomes com que é chamado na Bíblia, conta-se Pai da Mentira, Inimigo da Natureza Humana, etc.

Ou seja, a estratégia deste sedutor inescrupuloso se opõe nada mais nada menos que a nossa plena humanidade. Desvia-nos do caminho de ser plenamente humanos. E por isso é inimigo.

Curioso ver que o primeiro campo por onde nos tenta é o dinheiro. E vemos isso comprovado ao sermos levados a ler e ver todo santo dia no noticiário vítimas desta tentação primeira e insidiosa. Várias pessoas inteligentes, talentosas, que tiveram todas as oportunidades na vida e tudo perdem ao serem descobertas como obcecadas por dinheiro.

Mestre Zu, nosso querido Zuenir Ventura, refletia sabiamente: “Não bastava o que já havia conseguido? Não. Queria mais, e mais e mais”. Esta é a grande insídia do dinheiro. Nunca basta, nunca é suficiente, quanto mais se tem, mais se deseja. E para consegui-lo se valem de todos os meios, mesmo os não éticos, mesmos os que lesam pessoas necessitadas e vulneráveis.

É verdade que o dinheiro compra coisas boas: viaja-se mais confortavelmente, vive-se luxuosamente, todos invejam, adulam e cercam subservientemente os ricos e milionários. Mas já se vê que o final do caminho é lamentável. Os que antes insaciavelmente assaltaram os cofres públicos em benefício próprio, crendo jamais serem descobertos, agora amargam dias duros, em acomodações precárias e condições humilhantes.

A riqueza tornou-se privação de liberdade, a honra vã do mundo transformou-se em chacota e desprezo por parte daqueles e daquelas que se sentem prejudicados pelos atos inescrupulosos desses novos ladrões de terno caro e colarinho branco. Da prisão nos chegam notícias de que os encarcerados sofrem depressão, choram, ficam doentes. Não é para menos. A doença interior tem reflexos externos e eles nunca se imaginaram nessa situação.

Fiel discípulo de Santo Inácio de Loyola, o Papa Francisco tem falado constante e abundantemente sobre os perigos do apego desordenado ao dinheiro. Seja citando sua

querida avó Rosa, que dizia sabiamente aos netos: “a mortalha não tem bolsos” até discursos oficiais diante do Congresso estadunidense denunciando o tráfico de armas, essa preocupação está presente em suas palavras.

A ditadura do dinheiro é a pior das opressões que afligem o ser humano. Escraviza e obriga a fazer gestos tresloucados, para manter a roda da fortuna girando sempre mais rápida, mais feroz e mais veloz. Seu único antídoto é a proposta de Jesus Cristo, que vai na direção exatamente oposta: a vida livre e verdadeiramente humana é feita de simplicidade e humildade, pois só estas são caminhos para a verdade.

Possam as novas gerações aprenderem bem o ensinamento que hoje povoa os noticiários e a mídia brasileira. Não vale a pena vender a própria dignidade, a própria consciência e sobretudo espoliar outros para enriquecer ilicitamente. O preço a pagar é alto. E pior: é justo que assim seja. Para viver uma vida boa e feliz, ainda não se inventou outro caminho melhor do que o trabalho honesto, as relações abertas e transparentes e o cuidado dos outros e da criação.